

SILVA, Lilian Lopes Martins da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **O texto na sala de aula**: um clássico sobre ensino de língua portuguesa. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

O texto na sala de aula: uma ponte entre o passado e o presente

Janaína Zaidan Bicalho Fonseca*

Há trinta e um anos, João Wanderley Geraldi lançava a consagrada obra *O texto na sala de aula*. Mais do que um livro que orientava professores sobre como ministrar suas aulas de português, foi um estandarte de militância e resistência contra práticas didáticas consideradas obsoletas e incoerentes com o novo perfil de aluno que preenchia as carteiras das escolas do Brasil na década de 80.

O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa chega às estantes das livrarias contando história para a nova geração de professores. A obra homônima traz, já em seu subtítulo, uma bela caracterização para a obra de Geraldi. Um clássico, afinal, lembrando Calvino (2007), trata-se daquelas obras que sempre queremos reler, já que seu conteúdo desafia o leitor. É assim que professores de diversas partes do país, nos idos de 1984, se sentiram ao ler *O texto na sala de aula*, de Geraldi: desafiados, motivados, assustados na tentativa de compreender o laborioso trajeto de um ensino de português calcado em uma concepção de língua interativa e dialógica.

No primeiro capítulo, “O texto na sala de aula: uma revolução conceitual na história do ensino de língua e literatura no Brasil”, Mortatti (2014) lança alguns questionamentos iniciais, a fim de provocar o interesse do leitor sobre o ensino de língua e literatura. Entre eles, a autora pergunta qual seria a relação entre os problemas do passado e do presente relativamente ao ensino das referidas disciplinas. À guisa de resposta, a estudiosa apresenta breve panorama a respeito da produção científica brasileira no que tange ao ensino de língua portuguesa e

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

literatura, chegando à conclusão de que são poucas as pesquisas que se dedicam à abordagem histórica do ensino destas no Brasil, mas, as que existem, apontam para a recorrência de um modelo de língua escrita centrado na gramática e de padrões literários a serem imitados pelos alunos. Entre ações que arejaram o ensino de língua e literatura, Mortatti aponta o advento da disciplina Linguística nos cursos de Letras do Brasil na década de 60, as Leis de Diretrizes e Bases nº 5.692/71 e nº 9.394/96, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, os quais tentaram emplacar uma nova concepção de linguagem, alicerçada, sobretudo, nos estudos enunciativos e discursivos. Não menos importante, o “projeto do Wanderley”, para Mortatti, também colaborou para mudanças, pois o linguista “apresenta proposta para o ensino de língua portuguesa e literatura centrada em outro modelo explicativo” (MORTATTI, 2014, p. 19), a saber, no modelo que considera a linguagem como interação.

Nos dois capítulos subsequentes, “O texto na sala de aula: entre diferentes edições”, de Ferreira e Silva (2014), e “O texto na sala de aula: breve apresentação”, de Paula (2014), são apresentadas, para o leitor que desconhece a obra de Geraldi, as diferenças entre as várias edições, desde as mudanças da capa até as supressões de capítulos. Os referidos estudiosos destinados a tratar da temática indicam para o leitor todos os onze artigos publicados na edição de 1984, pela Assoeste, seguidos de seus autores. Ainda informam que de 1981 a 1991 a coletânea recebeu sete edições. Em 1995, sob a responsabilidade da editora Ática, o livro foi reformulado, passando a ser composto por doze artigos. Pela nova editora, a obra de Geraldi teve cinco edições e reimpressões até o ano de 2013.

No quarto capítulo, “O nascimento do livro: O texto na sala de aula”, de Kuiava (2014), o autor traça o contexto histórico de lutas e transformações sociais da época em que o livro *O texto na sala de aula* foi publicado, relacionando-o às contestações de Geraldi, no que dizia respeito ao ensino de língua materna. Como bem salienta Kuiava, “o texto na sala de aula se constituiu em arma na disputa pela hegemonia no pensar e ensinar a língua portuguesa” (KUIAVA, 2014, p. 64). Nesse sentido, o livro de Geraldi, na perspectiva de Kuiava, veio para redirecionar o ensino de língua materna, “gerando um modo agradável e instigante de ler” (KUIAVA, 2014, p. 64). A referida mudança nos paradigmas do ensino de português relaciona-se, na visão do autor, ao processo de democratização em emergência no país e, nessa esteira, à proposta de uma nova ordem educacional. Iluminados por tal espírito, os centros de pós-graduação do país passaram a

desenvolver inúmeras pesquisas que tinham por objetivo refletir sobre o ensino de português na escola. Para o autor, possibilitou-se, a partir daí, a formação de “vínculos e compromissos políticos, sociais, educacionais e culturais” (KUIAVA, 2014, p. 68) entre universidade e sociedade.

Os próximos quatro capítulos trazem relatos de professores sobre suas experiências com o livro *O texto na sala de aula*, de Geraldí.

“Memória: relatos de uma professora de português”, de autoria de Galan (2014), revela a oscilação que imperou entre as concepções normativa e interativa de língua. No início da década de 80, na região oeste do Paraná, de acordo com a autora, professor bom era aquele que defendia o ensino tradicional de gramática. No entanto, um curso de atualização, promovido em 1984 pela Assoeste, trouxe novas perspectivas, aproveitando do iminente movimento a favor de um ensino de português alicerçado nas condições discursivas da linguagem. Pelas reações dos docentes relatadas por Galan, tratava-se de um novo conceito em emergência que traria, sem sombra de dúvidas, muitos conflitos e também mudanças de atitude na sala de aula. Inúmeros professores ouviam falar pela primeira vez em discurso e ideologia, e se surpreenderam com a possibilidade de esses construtos poderem ser levados para a sala de aula.

Em “Rodas de conversa: tecendo memórias de professores/as sobre o ensino de português pela ótica de O texto na sala de aula”, de Souza *et al.* (2014), evidencia-se a experiência de professores de português da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina, com o livro do Geraldí. Para tanto, o artigo destaca, reavivando a memória dos docentes do curso de Letras e de seus ex-alunos em rodas de conversa, a importância da referida obra para a modificação do currículo e da prática de ensino do referido curso. Os autores testemunham que, no contexto de 1990, na cidade de Petrolina, privilegiava-se o ensino da gramática normativa, tendo sido os seminários promovidos pelo Departamento de Comunicação e Expressão, inspirados no texto de Geraldí, os responsáveis pela mudança gradativa desse cenário. O investimento desencadeou a mudança da matriz curricular e a reformulação do projeto político-pedagógico do curso.

Zen e Silveira (2014), no texto “O que fizemos com O texto na sala de aula? Relatos de professoras gaúchas”, também tentam retomar as memórias, agora de professoras formadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio de lembranças “ex-postas”. A partir do diálogo travado entre as docentes, chegou-se à conclusão de que estar em contato com a obra *O texto na sala de*

aula, no contexto do ensino gaúcho, era sinônimo de atualidade, de resistência, de engajamento, além de demarcar fronteiras identitárias de um grupo profissional em formação.

Ainda se valendo da emergência do passado, “O texto na sala de aula: historicidade, memória e permanência”, assinado por Leal (2014), recorre ao construto da memória para comprovar que em *O texto na sala de aula* é possível reconhecer diferentes vozes que “anteviam e apontavam para uma nova relação com a leitura, com a literatura, com a não dicotomização língua e literatura” (LEAL, 2014, p. 162). Assumindo que a obra de Geraldi foi um marco de resistência contra a estagnação do ensino de língua portuguesa, Leal revela que a ditadura militar no Brasil deixou como herança o silêncio, o qual, no contexto do ensino, começou a ser quebrado com a reordenação proposta por Geraldi, ou seja, “a de que todos podem e devem vivenciar o direto de dizer sua palavra” (LEAL, 2014, p. 157).

No único capítulo que pontua questões relativas a estágio – “Práticas de leitura, produção textual e análise linguística na formação docente: uma experiência de estágio curricular de licenciatura em letras” –, cuja autoria é de Suassuna, Santos e Rodrigues (2014), um grupo de professores da região Nordeste, especificamente da Universidade Federal de Pernambuco, relata uma experiência de ensino realizada na disciplina Prática de Ensino de Português. O modelo de estágio desenvolvido pela universidade em questão se pautou nos ensinamentos de Geraldi, sobretudo no que tangia a um de seus postulados: “vivemos experiências, lemos o mundo, e sobre isso temos algo a dizer” (SUASSUNA; SANTOS; RODRIGUES, 2014, p. 123). Pensando nisso, foi executado um projeto temático que buscou, na escola selecionada, motivar práticas leitoras em consonância com outras linguagens, como a cinematográfica. Foi proposta, então, uma sequência didática que se destinava ao incentivo da leitura e da produção escrita, por intermédio da literatura, de roteiros cinematográficos e de *trailers* de filmes. As propostas de escrita abordaram desde resenhas até legendas de fotos, tiradas pelos próprios alunos, que estabeleciam intertextualidade com os textos trabalhados em sala.

Valendo-se da mesma bandeira hasteada por Kuiava no que se refere a um posicionamento sociopolítico do ensino e assumindo que toda ação educativa é também política, Britto (2014), no texto “A liberdade por princípio, o princípio da liberdade: de volta ao O texto na sala de aula”, coloca-se contra uma educação bancária e opressora (FREIRE, 1976), apresentando as concepções aludidas em “O texto na sala de aula” como orientadoras desejáveis de um ensino de língua

e literatura desfavorável à simples transferência de informações e habilidades. Citando o próprio Geraldi, em “aprender não é se tornar um depósito de perguntas dadas; saber não é dispor de um repertório de respostas. [...] É com as mãos cheias de perguntas que melhor nos orientamos no manuseio da herança cultural” (GERALDI, 2010, p. 96), Britto se posiciona a favor de um ensino de língua que revise sua episteme, “uma episteme em que os sujeitos se reconheçam como sujeitos do conhecimento e do discurso e, portanto, assumam-se no centro do processo de ensinar e aprender” (BRITTO, 2014, p. 174).

Em “O ‘projeto do Wanderley’: entrevista com João Wanderley Geraldi”, Paula (2014) justifica o interesse pela entrevista fundamentada no fato de a obra do autor “ser considerada o marco inicial de um momento histórico caracterizado por uma revolução conceitual no ensino de língua portuguesa no Brasil” (PAULA, 2014, p. 179). As perguntas que possibilitaram uma entrevista bastante elucidativa e que, inclusive, serviram de inspiração para outros autores da coletânea, centraram-se desde os motivos que levaram Geraldi a escrever a obra até questões relacionadas à supressão de capítulos, à escolha dos autores, a acréscimos de notas de rodapé, etc.

O capítulo final, intitulado “Por que práticas de produção de textos, de leitura e de análise linguística?”, escrito pelo próprio Geraldi (2014), narra a saga do estudioso em diversos cursos de formação. Foi a partir deles que Geraldi começou a articular o que mais tarde seria *O texto na sala de aula*. Segundo o autor, os textos presentes no livro por ele organizado procuraram responder, em larga medida, às questões levantadas por professores de português e literatura da educação básica. Para Geraldi, uma das principais modificações no âmbito escolar seria o deslocamento da posição de professor “ensinante” para a de professor mediador, o que implicaria também a transição de conteúdos engessados para práticas reais de análise, leitura e escrita. Nas palavras de Geraldi, “implantar práticas de linguagem na sala de aula é substituir um objeto dado para estudo [...] pelo convívio reflexivo com os recursos linguísticos mobilizados na produção ou na leitura de textos” (GERALDI, 2014, p. 215).

Por fim, pode-se dizer que *O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa* conseguiu cumprir a função a que se propunha: a de não permitir cair no esquecimento o ávido trabalho desenvolvido por Geraldi, demonstrando que sua obra é uma referência para todo docente que atue com a linguagem, pelo vigor em discutir temáticas até hoje atuais para o ensino de língua e literatura.

Por isso, parece lícito afirmar que, se é ainda necessário revisitar a questão relacionada à prática de leitura, escrita e análise linguística, como propunha Geraldí, é porque pairam representações do fazer docente que autorizam estratégias de ensino alicerçadas na memorização, na cópia e na ausência de autonomia na produção de textos. *O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa*, portanto, desempenha o importante papel de discutir sobre a ação profissional docente, possibilitando que o debate acerca de sua prática de ensino se amplie cada vez mais, e que o assunto receba a merecida visibilidade.

Referências

- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro e João, 2010.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção.** Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- SILVA, Lilian Lopes Martins da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

Submetido em: 08 de julho de 2015.

Aceito para publicação em: 17 de novembro de 2015.

